

Introdução

O questionamento fundamental que origina esta dissertação surgiu na vida ministerial e pastoral, ao aprender e ensinar que Deus é bom e paternal, mas ao mesmo tempo, ao perceber também que o conceito de Deus se desfigurou através das diferentes interpretações das pessoas em suas lides diárias, ao longo da história.

A pregação bíblica descreveu um conceito de Deus que era mais punitivo do que paternal e amoroso. Na verdade, percebeu-se a busca pelo deslumbramento de um Deus que se preocupa com seu povo e que vai à busca dele na escravidão, ali onde o Êxodo torna-se o elemento fundante da nação de Israel. E todos os profetas o anunciavam como a salvação. Como exemplo disso, o profeta Isaías diz: “Voltai-vos para mim e sereis salvos, todos os confins da terra, porque eu sou Deus, e não há outro” (Is 45,22).

Como se vê, o anúncio é realmente de salvação, contudo percebe-se, ao mesmo tempo, que há uma surpresa. Essa *surpresa* deve-se ao fato de, nem sempre, as pessoas acolherem o anúncio como sendo de salvação e de, muitas vezes, interpretarem essa mensagem como vindo de um *deus* que se faz simplesmente presente para *estragar o prazer da vida*.

Estragar o prazer da vida?! Ao contrário. Jesus conta a parábola do filho pródigo apresentando a grandeza da dignidade humana e do projeto divino que intensifica o *prazer de viver*. Tanto que exemplifica na sensibilidade do pai a celebração da vida: “Pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado. E começaram a festejar” (Lc 15,24). Assim é o Pai que está no céu. Redescobrir a magnífica bondade da graça de Deus em criar o ser humano para desfrutar de toda a felicidade é o nosso desafio. Mas, como coadunar essa mensagem e falar a linguagem do ser humano contemporâneo para que esse anúncio, de fato, seja inteligível?

Este é o dilema que acompanha o fiel quando contempla a realidade. Onde está Deus, esse Deus amoroso revelado nas Escrituras Sagradas e, especialmente, na vida e no ministério de Jesus Cristo? Em cada expressão religiosa se vê ambiguidades na adoração a Deus, como se houvesse *dois deuses*: um Deus severo que está sempre vigiando as ações e os pensamentos para julgar os que são *maus* e outro, pronto para atender aos pedidos humanos, atuando e intervindo na vida daqueles que são *bons*. Essa

ambiguidade enfraquece a real imagem de Deus revelada, trazendo perplexidade e desesperança.

Olhando para o ambiente em que se encontra o ser humano, percebem-se muitos avanços da ciência e da tecnologia, mas nota-se, também, que a pessoa busca ainda a esperança de um futuro transcendente na presença de Deus. Isto porque a incerteza da vida, bem como a maldade do comportamento de muitos, pode levar a existência humana a uma grande desilusão. O ser humano depara-se com a violência, com as desigualdades socioeconômicas, com a corrupção, com as irresponsabilidades com a natureza, com o meio ambiente atrelado às enfermidades, com os flagelos da natureza e problemas de relacionamentos familiares, etc., dentre tantos outros problemas que a sociedade está envolvida. Ao sentir-se pequeno diante de tanta vulnerabilidade, compreende que o sofrimento só poderá ter fim na busca de um Ser Supremo, capaz de lhe trazer a paz.

Através da provocação e do desafio dessa realidade em se encontrar respostas para as pregações apresentadas nos púlpitos das igrejas é importante saber que, em Jesus Cristo, se tem a solução para a esperança viva. Buscam-se, aqui, respostas para apresentar um conceito de Deus que seja realmente pertinente para os dias de hoje e, nesse sentido, espera-se que a proclamação seja, de fato, um estímulo para se perceber que a vida vale a pena e que é fundamental trabalhar para a construção de um mundo melhor. Jesus mesmo disse: “Meu pai trabalha até agora e eu também trabalho” (Jo 5,17), e desempenhou sua missão construindo um mundo melhor mesmo diante de tantas adversidades, deixando seu exemplo.

O autor desta dissertação, por intermédio do professor de Antropologia Teológica, orientador deste trabalho no programa de Pós-graduação da PUC-Rio, Prof. Dr. Mario de França Miranda, desenvolveu seu projeto de pesquisa, colocou seus questionamentos e foi apresentado ao teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga. Desde já o mesmo agradece o precioso apoio, incentivo e colaboração. Hoje, tem a clara convicção de que o pensamento sobre o tema, a partir deste teólogo, não é o primeiro, mas aparece como uma possibilidade, em meio a tantas outras, de se confrontar com o assunto em tese. A forma clara que Queiruga expõe seu pensamento, em sua vasta obra e a sua preocupação com uma reflexão atualizada e aguerrida, simples e direta, chama a atenção já desde as primeiras linhas.

A teologia do teólogo espanhol caminha em direção ao surgimento da modernidade e questiona como a religião pode se portar perante o terceiro

milênio. *Os desafios para a teologia no século vinte e um*¹ são palavras suas que expressam a necessidade imperativa de se apresentar a teologia, que outrora fora ordenada em categorias pré-modernas, numa linguagem que atenda ao momento histórico e cultural no qual se vive. Para ele a mudança cultural foi profunda e as novidades gigantescas frente a um enorme horizonte que se abre diante da humanidade.

Por isso, de tal forma é preciso repensar a religião que conta sua duração não mais por séculos, mas por milênios. Diante de tal edifício onde a fé cristã foi erigida, o tempo confere crédito e seriedade, porém é um perigo, pois enrijece as instituições, desgasta as palavras e pode deformar, esvaziar, ou até mesmo perverter o sentido genuíno dos conceitos. Se a proposta é que a mensagem do evangelho continue sendo sal e luz, o discurso da fé deve ser apresentado para a época contemporânea, de forma cada vez mais inteligível.

Assim, o grande problema que a teologia enfrenta, neste sentido, é que, ao querer apresentar a mensagem da fé de forma contemporânea, ela vem com uma roupagem puramente formal, trazendo seu conteúdo ainda com as deficiências de uma época pré-moderna.

De modo que, na ânsia de buscar o que é moderno, vê-se a porta aberta para qualquer teologia pregada, numa busca de mudança que simplesmente apresenta uma variação na forma de culto. Aqui entra a tradução apresentada por Queiruga, que demonstra uma excelente teologia, à forma do sábio que redigiu: “porventura não te escrevi excelentes coisas, acerca de todo conselho e conhecimento” (Pr 22,20)²...? Isso, de fato, pode se afirmar, pois o conceito de Deus exposto por ele é o que nasce da experiência de Jesus de Nazaré, em sua relação com o *Abbá*, que influencia a sua vida e seu ministério, o faz assumir uma vida de sacrifício em obediência, vivendo profundamente o Reino de Deus e revelando a face de um Deus Pai, Salvador, que é puro amor e que está pronto a participar de nossa vida para trazer um sentido existencial e a felicidade plena. Outro aspecto de proficuidade de sua teologia é que as disputas entre fé e razão tornam-se sem sentido e superadas. Abre-se, então, espaço para o diálogo com todos os aspectos da cultura, inclusive com o ateísmo, que é fruto

¹ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Fim do Cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 9.

² Todos os textos bíblicos desta obra estão na versão da Bíblia de Jerusalém. No entanto, havendo a citação, como neste caso, será da Bíblia Sagrada na versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida de acordo com os melhores textos em hebraico e grego. Imprensa Bíblica Brasileira. 1986.

desses embates, uma vez que o conceito de Deus não é mais apresentado como rival do ser humano, mas ao contrário, em favor do progresso e do sucesso humano, pois a glória de Deus está na felicidade plena da sua criatura.

Assim, o propósito deste trabalho é apresentar como Torres Queiruga vê a face de Deus, com um olhar crítico à visão individual, temporal, sem o crivo da visão de Jesus Cristo. Para tanto, a dissertação está dividida em três capítulos onde no primeiro deles, será apresentada a imagem de Deus compreendida na modernidade, como um pano de fundo histórico para reflexão de como se encontra a realidade hoje, do ponto de vista do autor. Neste sentido, discorre-se sobre a possibilidade de um conceito teológico tradicional no qual a imagem de Deus está ali inserida. Este conceito teológico faz surgir nos tempos modernos a negação do Deus oficial, atitude tal que vai influenciar toda a sociedade, ultrapassando os limites da Igreja.

O segundo capítulo, central nesta dissertação, traz a visão de Torres Queiruga sobre o conceito de Deus nas Sagradas Escrituras. Mostra, com uma pincelada, o conceito de revelação, amplamente discutido por ele proporcionando um suporte para a reflexão posterior sobre o tema do trabalho. Assim, percebe-se cada vez mais claramente como o autor vê o rosto de Deus no Antigo Testamento, onde é compreendido como Salvador e Pai. Aborda-se, ainda, como Jesus amplia essa visão a partir da relação filial-paternal, na vivência do *Abbá*, numa grandeza insuperável, transmitida aos discípulos como a de um Deus não excludente e de puro amor. Além disso, vê-se também, como esse conceito de Jesus foi absorvido pela Igreja do Novo Testamento e transmitido a todas as gerações.

Conclui-se com o capítulo terceiro, discutindo o resgate dessa imagem almejada pelo autor, que pode ser positiva para hoje, embora seja muito simples em sua originalidade. Deus continua se manifestando no mundo atual e está tão presente como sempre esteve, mas o ser humano nem sempre se apercebe disto. É uma presença que infunde amor e esperança a esta realidade limitada, finita e corrompida. Ao se dar conta de que Deus está a seu favor, o ser humano encontra a verdadeira liberdade, pois o amor é o núcleo da mensagem cristã que traz felicidade e alegria.

Diante deste último ponto, percebe-se que essa é a tônica do homem e da mulher contemporâneos: uma busca incessante pela alegria e pela felicidade, que passa pela busca dos bens materiais, culto ao corpo e chega à religião, como forma e resposta para suas frustrações, dores e sofrimentos.

Mesmo quando a satisfação do pão material, isto é, dos bens da vida sobejam, há uma busca por respostas aos grandes questionamentos existenciais, uma vez que a vicissitude da vida só é superada pela presença de um Deus amoroso que infunde segurança e esperança eterna.

Assim, um deturpado conceito de Deus percebido pelo ser humano e apresentado pela Igreja, enquanto guardiã da verdade, é pregado no presente, trazendo muita incongruência. O que se assiste hoje, com os templos cheios de pessoas que buscam a salvação e a experiência de libertação é que, muitas vezes, não se encontra a face de Deus Pai apresentada por Jesus Cristo. Consequentemente se vive sem sentido e sem liberdade, o que também incomoda. Almeja-se que este estudo, embora sendo uma pequena contribuição, desperte para essa realidade tão presente em nosso tempo, trazendo discussão sobre o assunto e a certeza de que Deus ama a todos e quer o bem e felicidade de seus filhos.